

As crenças naturais e a mitigação do ceticismo em Hume

André Luiz Olivier da Silva^{*1}

Resumo: Este artigo pretende mostrar que a teoria das ideias de Hume não apresenta apropriadamente uma solução cética para o problema da justificação das crenças, mas, sobretudo, uma solução naturalista. Uma investigação empirista como a de Hume prioriza as impressões sensíveis no processo cognitivo da natureza humana ao mesmo tempo em que reconhece as dificuldades em se extrair ideias diretamente de impressões, o que pode ocasionar a dúvida e a suspensão das crenças. Como mitigação ao ceticismo, Hume propõe uma intervenção terapêutica, visando uma descrição das crenças naturais mais do que a sua suspensão devido à ausência de fundamentação racional.

Palavras-chave: Ceticismo; Crenças naturais; Hume; Naturalismo

Abstract: This article intends to show that Hume ideas theory doesn't express properly a sceptical solution for the beliefs justification problem, but, above all, a naturalist solution. An empiricist investigation like Hume's gives priority to the sensitive impressions in the cognitive process of human nature while he admits the difficulties in eliciting ideas directly from the impressions, which may cause the doubt and the suspension of beliefs. To mitigate scepticism, only a therapeutic intervention is possible, in order to describe natural beliefs more than its suspension due to a lack of a rational basis.

Keywords: Natural beliefs; Hume; Naturalism; Scepticism

À guisa de introdução

A principal característica do empirismo de Hume na análise do conhecimento é remeter a justificação das ideias ao campo das impressões sensíveis, para, a partir desse ponto, refazer o caminho percorrido pela mente no processo de fecundação de ideias e crenças factuais, tais como a crença na ideia de identidade. O início desse caminho é uma impressão

^{*} Professor do Curso de Graduação em Direito e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. *E-mail:* aolivierdasilva@yahoo.com.br Artigo recebido em 18.06.2010, aprovado em 30.06.2010.

¹ Gostaria de agradecer aos membros do Grupo de Pesquisa “Quíron: ética, linguagem e natureza humana”, coordenado pelo Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, do qual eu participo, pelas discussões e críticas a versões prévias deste texto.

sensível, para que se possa, em seguida, alcançar, por meio de um processo associativo entre as percepções, as ideias mais complexas da mente humana. O problema é que, se seguirmos à risca os princípios da metodologia empirista e exigirmos a impressão adequada para todas as ideias, ficaremos sem legitimar não só algumas das ideias do entendimento humano, mas, também, pelo menos algumas das suas crenças, o que ameaçaria o uso em geral do entendimento. Restaria, então, somente a suspensão das crenças, de sorte que se poria em xeque qualquer tipo de ideia, qualquer impressão. Mas não é isso o que ocorre quando se descreve o comportamento da natureza humana. O fato de que inúmeras ideias não provêm imediatamente de impressões pode, pois, ensejar uma interpretação demasiadamente cética da teoria humeana do conhecimento.

Por certo, uma metodologia empirista como a de Hume dá vazão à interpretação cética de sua teoria das ideias e da formação das crenças, como se a saída para a dúvida cética fosse a suspensão das crenças. Porém, para abrir mão das crenças, a investigação humeana deveria ter adotado, previamente, a razão como a faculdade suprema da natureza humana. Do contrário, caso se deixe a razão de lado, o ceticismo perde o seu impacto para dar azo à imaginação e aos poderes que ela desperta na natureza dos seres humanos. Assim, não obstante o ceticismo atribuído muitas vezes a Hume, bem como a exigência de que todas as ideias devem derivar de impressões (caso contrário, tais ideias devem ser recusadas), é interessante ressaltar o caráter construtivo e terapêutico da ciência da natureza humana proposto por Hume – como se pretende fazer nas próximas páginas. Ao fim e ao cabo, descobrir-se-á um antídoto contra os sintomas colaterais do ceticismo. Descobrir-se-á uma solução alternativa ao problema de se fundar crenças em ideias desligadas de impressões, uma solução não racionalista, mas naturalista.

Ideias e crenças na teoria humeana

A teoria do conhecimento de Hume visa a construir uma ciência da natureza humana, com o intento de explicar o mecanismo das percepções e as causas que levam o homem a formar ideias e crenças. É uma ciência descritiva, que, numa primeira observação, ramifica as percepções da natureza humana em duas espécies: as ideias e as impressões (Hume, 2001, p. 25; 2004, p. 34). A distinção entre as percepções é estipulada a partir da

vivacidade pela qual as coisas se apresentam ao campo perceptivo do ser humano, sendo notável a prioridade das impressões sensíveis em relação às ideias. Enquanto as impressões sensíveis são fortes e vívidas, as ideias não passam de percepções pálidas e longínquas. As impressões constituem a origem das percepções, o motor de arranque do processo cognitivo, enquanto as ideias não passam de cópias obscuras e apagadas das impressões, e, portanto, percepções muito mais abstratas.

No caminho entre as percepções salientam-se graus de vivacidade, que servem não só para distinguir impressão de ideia², mas servem até mesmo para fomentar o desdobramento da cognição ao campo das ideias, sendo estas, assim como as impressões, umas mais vivazes do que as outras. Os graus de vivacidade demonstram que o início do processo de conhecimento é a experiência sensível, que serve como mola propulsora para o desencadeamento de um processo associativo regulado pelo denominado princípio da cópia, segundo o qual as ideias surgem na mente humana quando provocadas por impressões sensíveis.

As ideias são validadas na medida em que correspondem a impressões e, se existe uma ideia que não seja fruto de uma impressão, esta deverá, imediatamente, ser recusada e jogada à fogueira. Caso não provenha de uma impressão, esta ideia não será digna de confiança por parte dos homens, de tal modo que qualquer enunciado ou proposição com pretensão de verdade que se levante numa discussão filosófica deve estar sempre conjugado à questão: “de que impressão deriva esta suposta ideia?” (Hume, 2004, p. 39). O ser humano só pode falar daquilo que ele próprio sente, da maneira como ele próprio percebe o mundo, enfim, ele só pode falar a partir de sua própria perspectiva, do seu próprio ponto de vista. Por causa disso, o retorno às impressões constitui a pedra de toque da teoria de Hume, caso se queira explicar a origem das ideias e, por consequência, a transição entre as percepções.

² Hume propõe diversas distinções metodológicas que demonstram o modo pelo qual o ser humano percebe a realidade com base nos graus de vivacidade, de sorte que as representações mentais recorrem sempre a elementos empíricos. Hume fala em percepções simples e compostas, em impressões de sensação e reflexão, em ideias da memória e ideias da imaginação. Em todas as distinções arroladas para explicar o processo de conhecimento, há uma forte ênfase na vinculação das ideias (sejam elas da memória ou da imaginação) às impressões (da sensação ou da reflexão).

O ponto de partida da metodologia empirista é, certamente, a experiência sensível, mas as ideias geradas pelo processo que se inicia na impressão acabam por formar outras cada vez mais abstratas, cada vez mais delirantes – e é aqui que se esconde a dúvida cética, o que abre, indubitavelmente, a brecha para uma interpretação cética da investigação humeana. Após a impressão de sensação, a mente elabora uma cópia dessa impressão sensível, engendrando um processo associativo entre as ideias. Elas são processadas pelo entendimento e, nesse processo, vão se tornando cada vez mais escuras e apagadas. Várias ideias são produzidas, provocadas pela memória ou pela imaginação. Mas, no caso daquelas da imaginação, a natureza humana atinge um alto grau de subjetividade. As ideias, embora pálidas e fracas, e constantemente influenciadas pelas impressões, cruzam entre si percepções diretamente provenientes dos sentidos numa única ideia. Assim, a mente produz ideias complexas e estas serão capazes de fundar crenças. Por exemplo, a mente elabora a ideia de corpos físicos, como objetos e pessoas. Essas ideias fundam crenças, no sentido de que as pessoas acreditam na existência das coisas e de outras mentes.

O problema enfrentado por Hume será, então, mostrar o processo de associação entre as ideias como dependente da referência às impressões sensíveis. Mais do que isso, o seu principal problema será encontrar impressões para as ideias, como encontrar uma impressão adequada à ideia de identidade. Será que existe uma impressão correspondente a tal imagem?

A conclusão a que chega Hume poderá ser interpretada como desesperadora, no sentido de que só restaria uma postura cética e, conseqüentemente, a suspensão das crenças, tendo em vista a dificuldade de se encontrar impressões que correspondam a tais ideias. Por um lado, a razão não fornece impressões e está previamente descartada por Hume. A capacidade racional do ser humano não é suficiente para explicar o processo associativo entre as ideias e a formação das crenças, não sendo possível uma justificação racional para as crenças. Nesse ponto, Hume pode ser tomado como um cético, como um filósofo que usa o ceticismo para enredar a razão em contradições. Ora, *“A razão é, e deve ser, apenas a escrava das paixões e não pode aspirar a outra função além de servir e obedecer a elas”* (Hume, 2001, p. 451). A razão é inapta para fundar juízos sobre a realidade, sendo preciso analisar outra hipótese (que não a razão) para justificar o processo de conhecimento. Talvez, a percepção sensorial do ser humano possa servir de

justificativa, mas até nesse ponto o ceticismo pode se apresentar como uma destruição do conhecimento sensível, mostrando que os sentidos induzem o homem ao erro e não fornecem um conhecimento seguro. Só resta procurar na imaginação a causa da crença, seja ela sobre a necessidade da relação causal ou sobre a identidade dos corpos físicos e do “eu”.

Ao justificar as crenças com base na imaginação, Hume será considerado um cético, visto que essa faculdade da natureza humana infere meramente conclusões relativistas, despidas de validade objetiva. O ceticismo seria, então, a atitude mais sensata a ser tomada, pois não haveria outra escolha perante o fracasso da razão senão o cancelamento da produção de novas crenças. Nesse sentido, muitos intérpretes e comentadores da teoria humeana do conhecimento costumam encarar Hume como um demolidor das ideias. É comum, inclusive, encontrarmos autores³ que defendem o ceticismo humeano, mostrando que a verdadeira conclusão a que nos levaria a sua teoria seria negar a possibilidade de conhecimento ao destruir qualquer justificação para as crenças factuais, como as crenças em torno da ideia de identidade. Segundo o ceticismo, Hume recorre a uma concepção subjetivista para explicar a formação das crenças na ideia de identidade, dando prioridade às percepções do ser humano em detrimento do raciocínio lógico. A natureza humana navega nas percepções, que ora dizem uma coisa, ora dizem outra, sem nunca alcançar o mundo dos fatos.

Dúvidas cétricas?

Caso o empirismo humeano seja levado às últimas consequências, chegaremos à conclusão de que toda experiência é um fenômeno muito pessoal e subjetivo, apropriado a cada natureza humana e que não pode ser compartilhado com qualquer outra pessoa. O recurso às ficções e às ilusões da imaginação – tão visível nos textos de Hume – também pode ser interpretado como uma alegação cétrica, na qual as crenças nos corpos e nas mentes não passariam de uma grande mentira. Poderíamos, então, denominar o empirismo humeano de psicológico, ou psicologista, porque ele investiga as funções subjetivas do entendimento, estando mais atento à natureza humana do que propriamente à realidade do mundo (se é que se

³ Entre os intérpretes cétricos de Hume podemos citar Oswaldo Porchat Pereira, Plínio Junqueira Smith, Reid, Popkin, Fogelin, Michaud e Olaso.

pode falar em realidade). No entanto, uma interpretação cética carece de um esclarecimento, que pode amansar a fúria do ceticismo exagerado.

À primeira vista, Hume realmente parece ceder aos encantos e às extravagâncias do ceticismo extremado, tendo em vista que remete a justificação de crenças e ideias às percepções da natureza humana. Não estaria, então, Hume a cair na arapuca dos céticos em vez de desarmá-la? O próprio Hume sabe que não é tarefa fácil desarmar o cético, tanto é que, em muitas passagens de sua obra, assume uma postura cética. Diz ele num tom melancólico e desesperador:

A visão *intensa* dessas variadas contradições e imperfeições da razão humana me afetou de tal maneira, e inflamou minha mente a tal ponto, que estou prestes a rejeitar toda crença e raciocínio, e não consigo considerar uma só opinião como mais provável ou verossímil que as outras. Onde estou, o que sou? De que causas derivo minha existência, e a que condição retornarei? De quem o favor deverei cortejar, a ira de quem devo temer? Que seres me cercam? Sobre quem exerço influência, e quem exerce influência sobre mim? Todas essas questões me confundem, e começo a me imaginar na condição mais deplorável, envolvido pela mais profunda escuridão, e inteiramente privado do uso de meus membros e faculdades. (Hume, 2001, p. 301)

Se não tomarmos o devido cuidado, poderemos esbarrar num irracionalismo cético, no sentido de que restaria apenas a suspensão radical das crenças, dos juízos e das opiniões. É bem verdade que Hume é um demolidor dos sistemas filosóficos, tendo em vista não se conformar nem com soluções metafísicas, lógicas, matemáticas e teológicas, nem mesmo com a visão de mundo do vulgo. Mas, a destruição cética intentada por Hume não pode ser paralisante e nem deve nos proibir de pensar e de agir.

Cabe, certamente, indagar o que sobra para alguém que destruiu inúmeras visões de mundo, vindo a questionar sobre as consequências de uma teoria do conhecimento que não se convence nem com a razão nem com os sentidos. A personalidade de Hume ajusta-se a tal carapuça e, nesse sentido, a leitura de seus textos nos levaria à conclusão de que somente um ceticismo extremado pode dar conta dos problemas da filosofia. Não é à toa que Hume confessa abertamente a sua melancolia e o seu desespero perante uma situação tão nadificante, uma situação alheia às soluções apontadas ao longo da tradição filosófica. As confissões de Hume expressam sua indisposição para o debate filosófico após aniquilar os sistemas populares e

filosóficos, admitindo estar sozinho, sem aliados, incapaz de se relacionar com os outros. “[...] imagino-me como um monstro estranho e rude que, por incapaz de se misturar e se unir à sociedade, foi expulso de todo relacionamento com os outros homens e largado em total abandono e desconsolo.” (Hume, 2001, p. 296). Hume confessa que não sabe mais para onde seguir com seus argumentos, que talvez esteja louco ou sonhando. Confessa que está perdido, e que, mais do que expor uma solução aos problemas filosóficos, apresentou novas dificuldades – estas, talvez, insolúveis e irrespondíveis.

Enquanto Hume assume, em algumas passagens, uma postura demasiadamente cética, em outras o seu suposto ceticismo é dissolvido e ganha consequências bem menos drásticas. Em contrapartida ao desespero cético, Hume também elenca passagens irônicas, nas quais discorda da interpretação radical e extremada do ceticismo, que nega qualquer possibilidade de conhecimento a ponto de suspender as crenças. Embora os problemas filosóficos sejam colocados, em alguns trechos, num tom desesperador, melancólico e sem esperanças, nos quais Hume permanece perdido, sem saber para onde correr; em outras passagens, Hume assume uma postura bem humorada, ironizando a condição do homem, que não consegue jogar as suas crenças fora e suspender a emissão de qualquer juízo ou opinião. Hume é um homem comum, semelhante a qualquer outro. Um homem acometido por propensões e disposições naturais. Um homem que nem sempre é o mesmo, que ora está alegre, ora se deprime e fica triste. Um homem que possui basicamente sentimentos⁴ – e a dúvida cética, quando

⁴ Fogelin defende um Hume cético, embora não exatamente um cético pirrônico. É cético somente quanto à razão, um cético voltado à vida natural dos homens – embora o seu ceticismo não seja nem um pouco mitigado. Fogelin verifica um Hume vinculado ao convívio social, como uma pessoa que chega ao ponto de variar o seu humor e o seu temperamento inclusive em seus escritos. As passagens deprimidas e bem humoradas do *Tratado* comprovam isso, demonstram que a natureza humana sofre as determinações do seu meio ambiente. Nesse sentido, Fogelin rechaça o pirronismo em nome de certas crenças naturais: “É claro que Hume não recomenda uma interrupção indiscriminada de crença, porque ele acreditava, em primeiro lugar, que seria desastroso para a vida humana, e, em segundo lugar, que ela não é algo que somos capazes de alcançar. Nós somos naturalmente decididos – por mais difícil que seja – a formar certas crenças em certas circunstâncias. Se o ceticismo é comparado com o pirronismo (na concepção de Hume), então Hume não era um cético – mas ele disse em diversos lugares que é um cético.” (Fogelin, 1998, p. 112, tradução nossa)⁴ [Clearly, Hume did not recommend a wholesale suspension of belief, for

surge na mente de Hume, se manifesta como uma variação desses sentimentos.

As crenças naturais e a mitigação do ceticismo

Hume até pode ser cético em relação aos sistemas filosóficos fundados na razão. Mas, é cético também para se opor ao próprio ceticismo, que, segundo o seu ponto de vista, não passa de mais um sistema filosófico a discutir questões inúteis, como descobrir se os corpos físicos existem ou não. Nesse sentido, sua teoria sobre a origem das crenças não descamba, de uma vez por todas, num ceticismo radical a ponto de só restar a suspensão das crenças. Hume é cético, no entanto, vai contra o próprio ceticismo para mostrar que as crenças não podem ser ignoradas, pois elas são naturais⁵, próprias da espécie humana. É irresistível para qualquer pessoa, inclusive para o cético, omitir-se nos prazeres e nas satisfações da vida. “O verdadeiro cético desconfiará tanto de suas dúvidas filosóficas como de sua convicção filosófica; e jamais, em virtude de nenhuma delas, recusará qualquer satisfação inocente que se ofereça.” (Hume, 2001, p. 305). Assim, um ceticismo extremado ou pirrônico é sempre falacioso, tendo em vista que ninguém pode levar a sério uma postura como essa, recusando-se a crer no mundo e em outras pessoas.

Para além de uma recusa da perspectiva dos céticos, Hume propõe uma postura terapêutica⁶ que indaga os fundamentos da filosofia, mas que

he held, first, that it would be disastrous to human life, and, second, that it is not something we are capable of achieving. We are naturally determined – hardwired, as it were – to form certain beliefs in certain circumstances. If scepticism is equated with Pyrrhonism (as Hume understood it), then Hume was not a sceptic – but he at several places says that he is a sceptic. (Fogelin, 1998, p. 112)]

⁵ Na obra *The philosophy of David Hume*, Norman Kemp Smith defende uma interpretação em prol das crenças naturais, elaborando um dos primeiros estudos sérios sobre a presença do naturalismo na obra de Hume, ressaltando, ainda, o caráter revolucionário da doutrina das crenças naturais.

⁶ A postura terapêutica adotada por Hume é semelhante à adotada por Wittgenstein, no sentido de que os problemas filosóficos (como os problemas abordados pelo ceticismo) foram mal colocados e, por isso, são confusos e geram desentendimentos quanto ao seu significado. Como solução para estas questões (na verdade, não há propriamente uma solução), cabe uma intervenção terapêutica perante a filosofia, que, no caso do ceticismo, consiste em deixar as suas questões à parte, sem acatar as suas graves consequências e sem cair na tentação de refutá-las racionalmente. Esta é a postura de Hume (que parece a de

também sabe deixar o ceticismo de lado e partir para a vida cotidiana levada a cabo pelo homem comum. Hume, então, como qualquer ser humano, vai divertir-se com os amigos, atirar conversa fora e jogar gamão. Mesmo ao retornar à companhia de outros homens, não deixa de ser um cético, desde que o seu ceticismo seja concebido como “[...] um ceticismo mais *mitigado*, ou filosofia *acadêmica* [...]” (Hume, 2004, p. 217). Nesse sentido, sim, podemos identificar a teoria humeana com o ceticismo. Um ceticismo não destrutivo⁷. Hume é um cético no sentido de que visa mostrar os limites da

Wittgenstein), conforme alega Strawson ao dizer que Hume: “Assinala que todos os argumentos *a favor* da posição cética são totalmente ineficazes e, pelo mesmo motivo, que todos os argumentos *contra* ela são totalmente inúteis. O que ele realmente quer dizer é algo muito simples: quaisquer que sejam os argumentos que se possam apresentar de um lado ou de outro da questão, simplesmente *não podemos evitar* a crença na existência dos corpos e *não podemos evitar* a formação de crenças e expectativas em conformidade geral com as regras básicas da indução.” (Strawson, 2008, p. 22). Nessa esteira, Strawson compara Wittgenstein a Hume, mostrando que ambos são naturalistas e desarmam os perigos do ceticismo quando propõem uma metafísica descritivista. Strawson alega que: “Apesar da maior complexidade da posição de Wittgenstein, penso que podemos, pelo menos no que diz respeito às questões céticas gerais, discernir uma profunda semelhança entre ele e Hume. Ambos compartilham a opinião de que nossas “crenças” na existência de corpos e, em termos gerais, na confiabilidade geral da indução não são crenças fundamentadas, mas, ao mesmo tempo, não estão expostas a dúvidas sérias. Elas se encontram, poderíamos dizer, fora de nossa competência racional e crítica, no sentido de que são elas que definem, ou ajudam a definir, o campo no qual se exercita essa competência.” (Strawson, 2008, p. 31). Em Hume e Wittgenstein, portanto, há um desnível entre as questões que podem ser respondidas (questões que podem ser colocadas numa discussão filosófica) e as questões inquestionáveis, sobre as quais não há indagação possível. Como as questões deste último nível são dominadas por crenças básicas e instintivas, não resta à investigação filosófica outra opção a não ser intentar uma descrição do seu funcionamento. Para tanto, convém trazer tais questões à vida cotidiana, mais precisamente ao uso das palavras pelo homem comum, onde a razão não entra, conforme ressalta Wittgenstein no parágrafo 116 das *Investigações Filosóficas*: “Quando os filósofos usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? – *Nós* reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.” (Wittgenstein, 1979, p. 55, grifos do autor).

⁷ Hume é um cético e ele próprio intitula a sua investigação de cética, debatendo problemas céticos e apontando, para resolvê-los, soluções que, por sua vez, também são céticas. “Hume era um autoproclamado cético que conscientemente desenvolveu uma posição filosófica que é por um lado e ao mesmo tempo fundamentalmente cética e fundamentalmente construtiva.” (Norton, 1998, p. 1) [*Hume was a self-proclaimed sceptic*

mente humana, e não no de extinguir a produção das crenças. É um cético em seu gabinete, quando discute filosofia com outros filósofos. Quando deixa os estudos de lado e passa a se divertir com os amigos, Hume elabora crenças de forma involuntária, independentemente de estarem certas ou erradas. Ele segue à risca o seguinte conselho da natureza: “Sê um filósofo, mas, em meio a toda tua filosofia, não deixes de ser um homem” (HUME, 2001, p. 23).

Desse modo, parece que um elemento importante na investigação humeana passa despercebido aos céticos, que ignoram a tendência mais natural da mente humana no anseio de empurrar a teoria de Hume ao abismo do ceticismo. O hábito impulsiona o ser humano a enxergar o que nem mesmo existe, incentivando-o a criar expectativas, a tirar conclusões e a esperar resultados sobre eventos futuros. Na própria teoria humeana, encontra-se a saída para a alegação cética, pois o hábito, que é um princípio da imaginação, provoca o surgimento das crenças naturais. É aqui que a imaginação se apresenta como a origem de nossos erros e equívocos, submetendo qualquer fundamento que se possa defender (seja ele, basicamente, a razão ou os sentidos) à sua alçada e jurisdição. “A memória, os sentidos e o entendimento são todos, portanto, fundados na imaginação, ou vividez de nossas idéias.” (Hume, 2001, p. 298). A imaginação, por causa do influxo da repetição cotidiana dos fenômenos, engana a mente de cada indivíduo, levando-a a crer em ideias inexistentes. A imaginação fantasia na mente a ideia de que corpos existem por conta própria e de que outras mentes são autônomas e independentes para agir e pensar.

É claro que, por um momento, as cavilações céticas pareceram minar a teoria humeana do conhecimento, induzindo o próprio Hume ao desespero e a uma possível suspensão das crenças. Por um instante, a visão humeana restou nublada, perdendo de vista a natureza humana. No entanto, Hume logo recupera a visão e adquire forças para restabelecer-se de tais ardis na natureza, vindo, inclusive, a opor-se ao ceticismo e a duvidar da

who consciously developed a philosophical position that is at one and the same time fundamentally sceptical and fundamentally constructive. (Norton, 1998, p. 1).] Assim, resta evidente a construção de uma autoimagem cética por parte do próprio Hume, que, em diversos trechos de sua obra, enfatiza essa disposição natural ao ceticismo. Mas, o seu ceticismo diferencia-se de outras versões do ceticismo por ser mitigado ou moderado, o que significa dizer que a investigação humeana é cética, mas é também naturalista.

própria dúvida. Hume extrai forças a partir do influxo da natureza, que lhe mostra o que é o homem e como funcionam os poderes e as disposições psicológicas de sua mente. Então, Hume retoma o fundamento de todos os seus argumentos: a natureza humana.

A Natureza Humana é a única ciência do homem; entretanto, até aqui tem sido a mais negligenciada. A mim basta trazê-la um pouco mais para a atualidade; e a esperança de consegui-lo serve para me recompor daquela irritação e para resgatar meu humor daquela indolência, que por vezes me dominam. (Hume, 2001, p. 305)

O reconhecimento dos poderes da natureza por parte de Hume ameniza consideravelmente o ceticismo, visto que nenhum ser humano tem porque desconfiar das suas crenças e dos seus próprios sentimentos. Não se pode evitar a prática de ações básicas da vida humana, assim como não há motivo suficiente para alguém recusar os próprios argumentos metafísicos da filosofia, desde que eles sejam convidativos. A contingência na qual a natureza opera induz o homem tranquilamente a agir não só em torno da vida cotidiana, mas também em prol do conhecimento especulativo de sua própria mente.

Não há na teoria humeana uma ênfase tão intensa ao princípio empirista, no sentido de que a toda ideia deve sempre corresponder uma impressão. Porém, esse dogma tem ensejado uma interpretação cética de sua teoria das ideias e da formação das crenças. Tendo em vista a relevância que se estabeleceu em cima da exigência de que todas as ideias devem derivar das impressões, parece interessante ressaltar o caráter construtivo e terapêutico do naturalismo⁸. Hume não está, nem nunca esteve, lotado num tribunal,

⁸ Wittgenstein assemelha-se a Hume quando propõe, no parágrafo 109 das *Investigações Filosóficas*, uma análise do funcionamento da linguagem – algo muito semelhante a Hume, quando este propõe uma descrição da natureza humana. Diz Wittgenstein: “Toda *elucidação* deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: *contra* o impulso de mal compreendê-lo.” (Wittgenstein, 1979, p. 54). Assim, a compreensão do funcionamento de nossa linguagem não depende tanto da solução dos problemas filosóficos quanto da sua dissolução mediante uma intervenção terapêutica. As questões e os problemas filosóficos são como uma doença, que requerem um tratamento terapêutico para não voltarem a importunar o doente. Afirmo Wittgenstein, no parágrafo 255, de modo metafórico: “O filósofo trata uma questão como uma doença.”

absolvendo ou condenando as ideias, julgando quais devemos aceitar e quais recusar. Ele nunca quis estabelecer um princípio tão rígido como a verificação empírica⁹. Queria, antes, observar e depois descrever o que

(Wittgenstein, 1979, p. 97). Para esta doença, não há propriamente uma cura, assim como não há um único método capaz de encontrar uma resposta adequada aos problemas filosóficos, conforme afirma Wittgenstein, no parágrafo 133: “(...) Não há *um* método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias.” (Wittgenstein, 1979, p. 58).

⁹ A leitura usual cética que se faz de Hume deve-se, em boa parte, a uma análise oriunda do positivismo lógico do Círculo de Viena⁹, demasiadamente focada no princípio da verificação, que certamente retoma a teoria humeana das ideias. Com isso, Hume passa a representar a caricatura do cético em relação à metafísica, do cético que demoliu ideias como Deus, alma e liberdade. Afirma Stroud: “Alguns positivistas, em seu entusiasmo, sequer consideram isso uma expressão de suas teses de que somente os enunciados da matemática e ciências empíricas são *significativos*, e consequentemente, que a metafísica não o seja. [...] Não foi só sua inclinação empirista, antimetafísica que fez Hume particularmente importante para os filósofos do século XX. Ele foi visto como diferente de outros com inclinações parecidas em sua suposta compreensão da real *origem* da pobreza e confusões sobre a metafísica.” (Stroud, 2005, p. 220) [Some positivists, in their zeal, even took this as an expression of their thesis that only the propositions of mathematics and empirical science are *meaningful*, and hence that the metaphysics is not. (...) It was not just his empiricist, anti-metaphysical bent that made Hume specially important for twentieth-century philosophers. He was seen to differ from others of similar inclinations in his alleged grasp of the real *source* of the poverty and confusions of metaphysics. (Stroud, 2005, p. 220, grifos do autor)]. Nessa análise lógico-empírica, Hume não é mais do que um predecessor da crítica kantiana, um anunciador do argumento transcendental. “Hume, acima de tudo, era um filósofo pré-Kantiano” (Stroud, 2005, p. 222) [*Hume, after all, was a pre-Kantian philosopher.* (Stroud, 2005, p. 222)], o que não está correto, pois Hume possui uma teoria original, que não somente limpa o terreno para estruturar uma teoria metafísica das ideias, mas que propõe uma explicação naturalista sobre a atividade mental do ser humano. Para distanciar Hume de Kant, é conveniente propor, como faz Stroud, o naturalismo, visando, com isso, mostrar que a disposição humeana nunca foi abrir caminho para uma análise *a priori* do entendimento. “Mas o interesse maior de Hume é sobre nosso entender e pensar as coisas que fazemos. Sua preocupação com a natureza humana não é tanto uma preocupação com os embaraços do *que* nós conhecemos ou pensamos quanto às condições de nosso conhecimento e raciocínio. Ele pode apenas ser citado por ter dado conta satisfatoriamente dessas condições que ele considera em algum caso especial, mas isso não nos deveria deixar de ver o fato de que aquele projeto que ele tencionava realizar não é simplesmente uma análise *a priori* dos significados.” (Stroud, 2005, p. 238) [But Hume’s main interest is in our understanding and thinking the things we do. His concern with human nature is not so much a concern with the intricacies of *what* we understand or think, as with the conditions of our understanding and thinking it. He can hardly be said to have given a satisfactory account of those conditions in any particular case he considers, but that should not blind us to the fact that his project as he envisages it is not one simply

estava vendo, descrever o funcionamento das estruturas psicológicas da mente humana.

O caráter inevitável das crenças é a chave não só para rechaçar o ceticismo, mas também para realçar uma ciência da natureza humana explicada em bases naturalistas. No fundo, rejeitar o ceticismo em Hume é uma tarefa árdua e forçosa, tendo em vista que Hume não deixa de ser um cético. A saída é trazer à tona o naturalismo. Assim, o ceticismo humeano não estaria recusando as crenças factuais, desprezando-as simplesmente porque estão baseadas em ficções produzidas pela faculdade da imaginação. Pelo contrário, o naturalismo consiste em acolher crenças básicas, evidentes para qualquer homem, sem menosprezar as inclinações naturais da mente humana, como alega Hume:

Em todos os incidentes da vida, devemos sempre preservar nosso ceticismo. Se acreditamos que o fogo aquece, ou que a água refresca, é somente porque é penoso pensar de outra maneira. Mais ainda: se somos filósofos, deveria ser somente com base em princípios céticos, e por sentirmos uma inclinação a assim empregar nossa vida. (Hume, 2001, p. 302)

Uma visão naturalista, aliada ao ceticismo moderado, acolhe o fato de que a imaginação constrói ideias que nada têm a ver com as impressões, mas que são intensamente influenciadas por elas. A imaginação cria as idéias (a partir de impressões, sem dúvida), vindo, assim, a formar crenças em relação à existência de corpos e de outras mentes, e, mesmo quando o poder da imaginação está equivocado, produzindo ideias abstrusas, é possível confiar nessa faculdade, pois são justamente os princípios da imaginação que garantem a sobrevivência da humanidade através das crenças naturais. É a influência da imaginação e do hábito que permite aos seres humanos a elaboração de um conjunto de crenças básicas sobre o mundo físico e as outras pessoas. Assim, as dúvidas céticas não são refutadas pelo naturalismo humeano, mas apenas deixadas de lado, como afirma Strawson em relação a essas dúvidas: “Devem ser abandonadas porque são *superfluas* – impotentes contra a força da natureza, contra a nossa disposição para crer que temos

of the *a priori* analysis of meanings. (Stroud, 2005, p. 238).] A investigação humeana apresenta uma concepção original sobre as ideias e as crenças humanas, uma concepção que não só rejeita ideias confusas e ilegítimas, mas que visa antes explicar ou descrever o funcionamento delas na formação das crenças do homem.

naturalmente implantada.” (Strawson, 2008, p. 25). Como tais dúvidas surgem a partir da razão, não é mais preciso preocupar-se com elas, pois não passam de artifícios. Convém, então, desviar o foco da discussão humeana para o apelo natural, mostrando que o movimento associativo das ideias e o processo de formação das crenças são espontâneos aos seres humanos.

Por isso, o ceticismo de Hume é apresentado numa versão mitigada, que aprecia a dúvida cética, mas não a ponto de suspender crenças instintivas e naturais. Com certeza, em muitos momentos, Hume mostra-se deprimido e melancólico com as consequências do ceticismo, mas, em outros tantos, trata com bom humor as suas dúvidas, deixando-as à parte para voltar-se à vida cotidiana. Hume, então, toma uma importante decisão: “[...] estou pronto a lançar ao fogo todos os meus livros e papéis, e resolvo que nunca mais renunciarei aos prazeres da vida em benefício do raciocínio e da filosofia.” (Hume, 2001, p. 302). O que essa passagem quer dizer é que as crenças são inevitáveis aos seres humanos, de tal modo que não se pode deixar de viver para aderir a um ceticismo delirante. Ninguém escolhe ou delibera se quer ou não acreditar. Apenas, acredita, mesmo que involuntariamente. As crenças na existência do mundo, por exemplo, são instintivas à natureza humana, que acredita nas coisas materiais e também na identidade pessoal, mesmo sendo um desatino crer em tais ideias.

Acreditar no mundo ou na ideia de “eu” pode parecer um desatino, um devaneio, mas esse devaneio, sendo instintivo e inevitável, deve, ao menos, provocar sensações naturalmente agradáveis e prazerosas aos seres humanos: “Não: se tenho de ser insensato, como *certamente* o são todos aqueles que raciocinam ou crêem em alguma coisa, que ao menos meus desatinos sejam naturais e agradáveis.” (Hume, 2001, p. 302). Já na introdução do *Tratado*, Hume havia dito algo semelhante: “(...) se não podemos deixar de ser vítimas de erros e ilusões, então estes deverão ao menos ser naturais e agradáveis.” (Hume, 2001, p. 20). Com isso, fica claro que ninguém pode negar-se a crer no mundo físico e a sobrevivência da espécie humana depende dessas crenças. Não há argumento que rejeite a veracidade de que todo ser humano sente, age e pensa, e não consegue lutar contra esse fato, de modo que cabe explicar (ou melhor, descrever e explicar) como a natureza humana transita dentro de suas percepções.

Considerações Finais

A solução cética humeana – ou melhor, a solução naturalista – consiste justamente em explicar a natureza humana, tentando mostrar o seu mecanismo e o seu funcionamento quando da formulação das crenças. Ela consiste numa descrição do modo pelo qual o ser humano elabora suas ideias e formula, por conseguinte, suas crenças em relação a tais ideias. Hume desvenda a estrutura psicológica do sujeito, mostrando como a mente reage ao processo associativo de ideias e projeta as suas imagens sobre a experiência. Porém, como o marco metodológico dessa descrição é o princípio da cópia, que ressalta a prioridade das impressões perante as ideias, Hume acaba sendo relacionado à imagem pejorativa do destruidor de ideias e crenças, que, diante da impossibilidade de se afirmar a existência de uma realidade separada da mente, faz crer que não é mais possível a formulação de crenças sobre essa realidade. Com efeito, cabe ressaltar que é impossível uma justificação racional das crenças, o que não significa dizer que as crenças devem ser dispensadas, pois, numa matriz naturalista, parte-se do fato de que o ser humano elabora crenças básicas e espontâneas.

As dificuldades em se encontrar impressões imediatas e adequadas a todas as ideias constitui um problema destacado por Hume, que nos deixa à beira de um abismo, o abismo cético. Para não resvalarmos em um buraco cético, convém minimizar os efeitos do princípio empirista de que a toda ideia deve corresponder diretamente uma impressão. Embora não haja uma impressão correlata a muitas ideias (como, por exemplo, a de identidade), existe um conjunto de percepções (impressões variadas e ideias) dando forma a todo tipo de ideias, como as de corpos e de “eu”. Mesmo sem uma impressão imediata, a mente cria ideias, vindo a formar, além disso, crenças em relação a essas ideias. O objetivo de Hume é, então, explicar como pode a mente humana iniciar o processo cognitivo numa impressão sensível, e, em seguida, alçar vôo para o plano de reflexivo das ideias. Isso se deve à influência do hábito, um princípio da imaginação, na mente humana. O hábito é uma influencia inevitável aos seres humanos, que reforça as crenças na mente mediante a repetição de impressões e ideias. É também uma disposição natural do ser humano, que induz o homem a relacionar e conectar percepções, atribuindo vivacidade às suas ideias na medida em que se repetem à natureza humana.

Referências

- FOGELIN, Robert J. “Hume’s scepticism”. In: NORTON, David Fate (editor). *The Cambridge Companion to Hume*. Cambridge: Cambridge University, 1998. p. 90-116. (Cambridge companions)
- HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. Trad. Débora Danowski. São Paulo: Unesp, 2001. 711 p.
- _____. *Uma investigação sobre o entendimento humano*. In: *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques, São Paulo: Unesp, 2004. p. 15-146.
- NORTON, David Fate. “An introduction to Hume’s thought”. In: *The Cambridge Companion to Hume*. NORTON, D. F. (Org.). Cambridge: Cambridge University, 1998. p. 1-32.
- SMITH, Norman Kemp. *The philosophy of David Hume: a critical study of its origins and central doctrines*. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.
- STRAWSON, Peter Frederick. *Ceticismo e naturalismo: algumas variedades*. Trad. Jaimir Conte. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- STROUD, Barry. *Hume*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 2005.
- WITTGENSTEIN, *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os pensadores)